

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e de comércio

Telefone 12

Depositarário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES



EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 - TELEFONE 59 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 78 — Domingo, 4 de Dezembro de 1954

COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A IRRIGAÇÃO DOS SAPAIS do Guadiana

CONSTITUI NÃO SÓ UMA OBRA DE VALOR ECONÓMICO COMO DE GRANDE UTILIDADE SOCIAL

PROPÓSITO da tão desejada obra de irrigação e consequente valorização dos extensos sapais do nosso concelho e do vizinho de Castro Marim, obra não só de extraordinário valor económico, mas também de grande projecção social, publicou «O Século», um dos mais prestigiosos órgãos da Imprensa portuguesa a seguinte local:

CASTRO MARIM — Presentes a ser ultimada a importante obra de irrigação da campina de Silves, que tanto beneficia a zona barlaventina do Algarve, espera-se que os Poderes Públicos encarem agora a obra de irrigação dos sapais do Guadiana, abrangida no Plano de Fomento e cujos estudos estão praticamente ultimados.

Deste modo, dar-se-á satisfação à zona sotaventina, que não dispõe ainda de qualquer obra desse género e que tanto carece para melhoria das suas condições agrícolas e elevação do nível das classes pobres.

O aproveitamento da ribeira de Odeleite beneficiará cerca de 3.000 hectares de sapais deste concelho e do vizinho concelho de Vila Real de Santo António, terras ricas de húmus, mas das quais se obtém reduzidas e pobres colheitas, em consequência de os terrenos estarem impregnados de sal e serem, em parte, invadidos pelas águas do Guadiana e dos esteiros.

As obras projectadas compreendem a defesa, enxugo e irrigação das várzeas do Bel-



A zona que será beneficiada pela irrigação está demarcada por uma linha tracejada

che e da ribeira da Tabua e do adocamento dos sapais dos dois concelhos. Recuperar-se-ão assim grandes extensões de terrenos praticamente improdutivos e que produzem trigo, batata, arroz e milho e outras culturas. Além disso, as pastagens permitirão que se desenvolva a pecuária.

Se no campo agrícola-pecuário a obra representa um alto valor para a economia regional, no campo social o seu valor não é menor. Há a possibilidade de fixar mais de cem famílias em regime de colonização interna, o que de certo modo contribuirá para elevar o nível de vida desta pobre gente, que é dos mais baixos do País. Vivendo do amanhã de terras ressequidas e de mísera produtividade e

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

A REPARAÇÃO

da estrada de Vila Real de Santo António-Beja

PROPÓSITO das reclamações sobre o mau estado da estrada de Vila Real de Santo António-Beja, que tanto interessa ao Sotavento do Algarve, o gabinete do sr. ministro das Obras Públicas informa: «que no plano dos trabalhos da Junta Autónoma de Estradas para 1954-55, foi prevista a grande reparação da referida estrada, num troço com cerca de 20 kms., a partir de Beja. Presentemente, estão em curso os necessários estudos geotécnicos indispensáveis à laboração do respectivo projecto, de forma a que a obra possa ser executada no próximo ano.»

CORTEJO DE OFERENDAS

EM FARO

CALCULA-SE que o Cortejo de Oferendas, que se realizou no domingo passado, a favor do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Faro, tenha rendido uma importância não inferior a 200 contos, o que representa uma contribuição importantíssima para aquele estabelecimento de assistência.

O sr. ministro do Interior contribuiu, por intermédio do sr. Governador Civil, com a importância de 20.000\$00.

AS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE E O PROJECTADO MONUMENTO EM SAGRES

Pelo Major MATEUS MORENO

PARA cumprimento do disposto no artigo 5.º do decreto-lei n.º 59.715, de 1 de Julho último, já se encontra publicado, desde 28 de Agosto, pelo Ministério das Obras Públicas, o regulamento do concurso de projectos destinados ao monumento a erigir em 1960, em Sagres, à memória do Infante D. Henrique, projectos em que se deverá compreender o estudo urbanístico do local.

Oportunas me parecem, pois, algumas considerações de aplauso às nobilitantes decisões tomadas pelo Governo em assunto de tão alta projecção nacional e até internacional.

Quer, na verdade, se julgue em pleno consenso o Infante D. Henrique, como já tive ocasião de mais de uma vez afirmar, através da auréola das virtudes extra-humanas de que marcenariamente o haja revestido o seu biógrafo oficial, Gomes Eanes de Zurara, quer através da heurística de alguns dos seus mais exigentes comentadores actuais, que não hesitam em classificá-lo de simples reflexo de outras claridades injustamente obscuras, o que é fora de dúvida é que sempre have-

rá de pairar acima de todos os fáceis conceitos de subserviência ou reformadores propósitos de especulação erudita a lição de imortalidade de uma época e de um povo, que o seu próprio nome simboliza.

Ponderadamente se assinala, por isso, no sugestivo preâmbulo do referido decreto-lei de 1 de Julho, que «O Infante de Sagres é não só um dos maiores vultos da história nacional como certamente o português de maior projecção no mundo» e que «O curso da história e da civilização ocidental não seria o que foi sem ele, ou, o que é o mesmo, sem os descobrimentos dos Portugueses que na máxima parte se devem ao seu esforço e engenho.»

Uma serena interpretação dos depoimentos constantes de toda a nossa literatura de fundo épico bastar-nos-á para um formal convencimento das superiores qualidades de tão glorioso príncipe.

Zurara, apesar de alguns arrebatamentos fantasistas, bem compreensíveis pela função que na Corte exercia, não deixa, entretanto, de fornecer-nos sólidos elementos para o efeito. E fonte suficientemente prodigalizada desses elementos a sua «Crónica dos Feitos da Guiné».

As cinco conhecidas razões com que aí se sentetizam as linhas gerais do plano henriquino, podem considerar-se todas confluente no pensamento fixo de «chegar à Índia pelo oceano e encontrar o reino do Preste João», como aliás nos refere Damião de Góis no capítulo VII da sua «Crónica de D. João» e de certo modo o confirma o sábio bispo de Silves, D. Jerónimo Osório, no seu relato «Da vida e feitos de El-Rei D. Manuel», ao escrever que o «Infante D. Henrique pôs



Triptico atribuído a Nuno Gonçalves, existente no Museu Nacional de Arte Antiga

para além de Ceuta o feito das conquistas, mandando construir esquadras que infestassem as praias africanas e outras bárbaras regiões, que os mouros possuíam fora do estreito, para a meta meridiana», e que «para mais comodamente praticar o seu plano e de lá mandar navios, que rompessem estradas para as terras que demoram ao sol nascente, foi residir naquela parte da Lusitânia, que chamam os Algarves, na vila de Sagres, arredada 4.000 passos do Cabo de S. Vicente (Ed. de 1945, Porto, vol. I, pág. 35).

A tomada de Ceuta, cuja crónica Zurara virá a ultimar na cidade de Silves, em 25 de Março de 1450 (vid. Introdução de Alfredo Pimenta, na ed. de 1942, Clássica Editora, pág. 9) será assim, na verdade, não só o primeiro pilar da grande ponte de ligação de Portugal com toda a África, o

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

DR. LYSER FRANCO

POR despacho do sr. ministro da Educação Nacional, foi nomeado delegado da Junta Nacional de Educação (2.ª subsec., 6.ª sec.), no concelho de Faro, o sr. dr. Mário Lyster Franco, distinto advogado naquela cidade e ilustre director do nosso prezado colega «Correio do Sul».

DE VEZ EM QUANDO...

A CANTINA ESCOLAR

Por TRINDADE E LIMA

PORQUE o «Notícias do Algarve» é o jornal da minha comarca, defendo os seus interesses e dá-me notícias de pessoas que conheço e de quem as não tenho, leio-o sempre com cuidadosa atenção. E talvez um modo de saubiar saudades a quem vive longe do que tanto estimou e estima.

Uma nota me feriu ultimamente a atenção e, confesso, que bastante me magoou. E' a que se refere à tentativa da criação de uma cantina escolar em Vila Real de Santo António. Diziasse lá que, das circulares enviadas pelas minhas colegas, orga-

nizadas em comissão, nem uma só merecera ainda resposta.

Não quero crer que esta demora se prolongue e certo estou de que o apelo de quem pede para crianças com fome será correspondido com galhardia, e não terá sido semente lançada em terreno sáfaro.

Eu não compreendo, eu recuso-me a admitir que uma sociedade que blasona de civilizada, que aponta com orgulho para tanta inovação que a ensoberbece e de que goza os benefícios, consinta que haja uma criança que não possa re-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Contos Góticos

Por MARIA MANUELA NUNES

O alvo dos Tigres

Alguém falou do mundo em que vivemos, como de uma selva. Não está mal comparado, não senhor. Os lobos, as víboras, os tigres, a desesperada luta. Eu, mais caseira, lembro que o mundo se pode também comparar a uma carreira de tiro. Todos atradores. A dificuldade está em descobrir o alvo de cada um. Não é? Alguns atradores dizem até que não têm alvo. Ora, simplesmente o alvo está muito na sombra.

Confidência

Não sei. Bem, não pensei muito nisso. Mas parece-me que o defeito que mais detesto é a intolerância. A intolerância que atafa, que não deixa viver... Exactamente. Não suportar nada que seja contra a vida.

Poetas e Poetas

Cheguem comigo à janela. Vejam como o céu se toldou. Vejam como chove! Quem anda lá por fora, quem vive, fica com os sapatos encharcados, trás ainda lama presa neles. Gosto dessas pessoas, dessas que trazem os sapatos enlameados. Sabem a vida. E' por isso que desamo os poetas cujos sapatos estão sempre de um verniz irrepreensível.

Almeida Garrett

Sabia, já, alguma coisa sobre Garrett. Que foi um grande escritor liberal, defensor dos direitos civis, zelador da riqueza espiritual do nosso povo. Afinal, que ignorante eu era! A espartosa quantidade de coisas que tenho aprendido a respeito dele, nos últimos tempos!

A propósito de uma entrevista

Perguntaram, pela rádio, a uma artista qual o seu maior desejo. O desejo maior dela era deixar a filha independente. Mas independente pelo seu trabalho? Não. Gostava de lhe deixar um capital... Lirrassem-me de tal mãe! Minhas mãos decepadas?... Di-

PRIMEIRO DE DEZEMBRO

TODOS os povos herdados têm o seu Dia-Maior. E como tal o comemoram, o festejam, o veneram.

Portugal, que obteve, em Guimarães, os títulos de morgadio, por eles se bateu depois na terra do mouro e em terras cristãs.

Cansado de combater e vejar, adormeceu nas praias escaldantes de Alcácer até ao dia em que espadas fidalgas, secundadas pelo povo, o foram arrancar ao letargo de sessenta anos, proclamando Portugal liberto para todo o sempre, naquela manhã encharcada de sol — Primeiro de Dezembro de 1640.

A reacção veio forte e poderosa. Batalhas se feriram; heroísmos se multiplicaram lembrando à Europa sem fé que os Restauradores eram descendentes honrados dos cabouqueiros do Portugal africano, do Portugal da Índia e do Brasil.

E os bravos, de arrancada em arrancada, chegaram até «Montes Claros» — «o último e decisivo argumento em prol da nossa independência».

Três anos mais tarde, 1668, assinou-se a paz. O sossego voltou até nós, permitindo assim que a dinastia brigantina juntasse mais um capítulo de grandeza à História pátria: o do Portugal contemporâneo.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com sua esposa, sr.^a D. Rita Rosa Baptista Alves, regressou de Lisboa e da sua visita ao Porto o nosso prezado amigo e colaborador, sr. José Alves Mestre, digno tesoureiro da Câmara Municipal.

Retirou para Luanda, depois de ter passado algum tempo com sua família, o nosso conterrâneo e assinante, sr. José Domingues.

Encontra-se na Mina de S. Domingos, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado assinante, sr. Joaquim António Correia.

Com sua esposa, seguiu há dias para Lisboa, aonde foi consultar a medicina, o sr. Teixeira Marques, director do Externato Nacional (antigo Colégio Nacional), desta vila.

Regressou de Faro, onde esteve internado durante alguns meses, no Hospital da Misericórdia, o sr. João Lopes, pai do nosso prezado assinante, sr. Domingos Martins Lopes.

Regressou da capital, aonde foi consultar a medicina, a sr.^a D. Carminda Rodrigues Mortágua Estrela, esposa do nosso prezado assinante, sr. Humberto dos Santos Estrela.

Nascimentos

No passado dia 28 de Novembro, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.^a D. Maria Faustino Dias Vasco, esposa do nosso prezado assinante, sr. Custódio Vasco.

Mãe e filho encontram-se, felizmente, bem.

Num quarto particular do Hospital desta vila, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.^a D. Maria Adelina Carrilho Medeiros Madeira Pinto, esposa do nosso querido amigo e prezado colaborador, sr. engenheiro-agrônomo Acácio Madeira Pinto, e filha da sr.^a D. Celeste Carrilho Ponce Medeiros e do nosso prezado amigo e assinante, sr. Santiago Ponce Medeiros.

Em Lisboa, onde reside, deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.^a D. Maria da Conceição Sanches Ramirez de Carvalho Cordeiro, esposa do sr. João Luís Palermo de Carvalho Cordeiro, oficial da marinha mercante e director do nosso prezado colega «O Castelovidense», e filha da sr.^a D. Maria del Carmen Ortigão Sanches de Ramirez e do nosso prezado amigo e assinante, sr. Mário Garcia Ramirez, presidente do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Sotavento do Algarve.

As nossas felicitações.

Doente

Encontra-se incomodado de saúde o sr. Joaquim Baltazar, pai da nossa prezada assinante, sr.^a D. Maria Martins Baltazar.

Casamento

Efectuou-se ontem, na Igreja paroquial desta freguesia e com grande luzimento, o enlace matrimonial da sr.^a D. Ana Maria do Natal Capa Horta Correia, gentil e prendada filha da sr.^a D. Laura Capa Horta Correia e do sr. dr. António Virgílio Horta Correia, considerado proprietário e médico nesta vila, com o sr. Frederico Manuel Sanches Ramirez, filho da sr.^a D. Maria del Carmen Sanches Ramirez e do sr. Mário Garcia Ramirez, importante industrial de conservas em Olhão. Apadrinharam o acto os pais dos noivos. A cerimónia, acompanhada de Missa nupcial, foi celebrada pelo nosso conterrâneo, Rev. Padre dr. Sezinando Oliveira Rosa, secretário-geral da A. C. P., o qual dirigiu aos nubentes e à numerosa assistência uma eloquente alocução apropriada ao acto. Durante a missa, os grupos corais da A. Católica local executaram cânticos, tendo havido igualmente comunhão geral por todos os fi-

ei-me se há aí algum capital que se substitua. Nada, nada, minha senhora. Queira para sua filha cinco dedos em cada mão, uma consciência esclarecida, um coração sem mácula. Esse é o único capital que o tempo não invalida.

A propósito de outra entrevista

Também pela rádio, também a um artista, perguntaram qual a sua opinião sobre uma revista a ensaiar. Resposta: «Bem vê, as revistas só depois de abertas é que se sabe o que está lá dentro. São como as melancias. Só que as melancias não vão à censura.»

Maria Manuela Nunes

MOCIDADE PORTUGUESA

1.º de Dezembro

DECORRERAM com bastante brilhantismo as manifestações levadas a efeito pela Mocidade Portuguesa, no dia 1.º de Dezembro, tendo-se associado também a Mocidade Portuguesa Feminina e a Legião Portuguesa.

Após o içar das bandeiras na Casa da Mocidade, seguiu-se a missa, que foi rezada pelo rev. padre Joaquim Humberto Galhardo Palmeira.

Às 15,30 horas, na Casa da Mocidade, foi descerrada uma fotografia, em homenagem ao director dos serviços, sr. Rodrigo Sá Aboim e Aboim, levada a efeito por um grupo de filiados e antigos graduados, tendo agradecido o homenageado, e demonstrado, mais uma vez, o director do Centro Extra Escolar n.º 1, actualmente desempenhando as funções de subdelegado regional, internamente, sr. Júlio Mendes, a sua boa vontade em colaborar sempre com os novos, para que a Mocidade Portuguesa possa continuar bem ardente nos corações de todos os filiados, pela vida fora.

Às 16 horas, na Glória Futebol Clube, foram distribuídos vários prémios, obtidos nos vários campeonatos em que a ala se fez representar, tendo presidido o sr. dr. José Diogo.

Nesta pequena festa, tivemos a registar a leitura de uma carta vinda da Índia, e endereçada ao director dos Serviços da M. P., pelo antigo graduado da Ala 6.ª, Norberto Carlos Pereira Leitão.

Clube 100 à Hora

PASSARAM, nesta vila, os concorrentes da 6.ª Volta a Portugal em Automóvel, organização do «Clube 100 à Hora», patrocinada pelos nossos colegas «O Século», «Diário de Lisboa», «O Primeiro de Janeiro» e «O Volante», tendo sido disputada na estrada que liga Vila Real de Santo António e Monte Gordo, através do pinhal, a prova de quilómetro de arranque e lançado.

Os concorrentes, que chegaram cerca das 2 horas da madrugada de ontem, fizeram uma boa prova, destacando-se nela o carro 18, comandado pelo nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. João Euzébio D. Botequilha, que entrou nesta vila em primeiro lugar.

Na luta contra a frieza é força predominante uma Camisa «VIRESA» de Lã, bela e elegante!



Confecções Viresa, L. da
FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

DESPEDIDA

José Domingues, nosso prezado conterrâneo, que esteve por pouco tempo na nossa vila, retirou-se para a sua residência em Luanda, e vem por este meio apresentar as suas despedidas a quem, por falta de tempo, não visitou, oferecendo os seus préstimos em Luanda, Caixa Postal 496.

liados da Juventude Católica desta vila, de que os recém-casados eram dirigentes.

Compareceu grande número de convidados pertencentes às mais distintas e respeitáveis famílias do concelho e doutras terras do País.

Ao novo casal, que vai fixar residência em Faro, «Notícias do Algarve» apresenta cordiais e sinceros cumprimentos de felicitações pelo auspicioso consórcio, augurando-lhes muitas venturas no seu novo lar.

Tinturaria Portuguesa
APARTADO N.º 24
MATOSINHOS

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Tempos que já lá vão

«A Voz do Guadiana», de 20 de Maio de 1900, noticiava que de 7 a 18 daquele mês tinham sido vendidos na nossa lota 3.208 atuns, 106 aturros e 24 albacoras. Os preços, por dúzia de atuns, regularam entre 109\$000 e 159\$000 réis e por dúzia de aturros e albacoras, entre 53\$000 e 77\$000 réis. As armações que até essa altura mais tinham pescado eram as dos Olhos de Água e Pedra da Galé, respectivamente, 482 e 473 peixes. As mais modestas tinham sido as do Livramento e Farol, apenas com 11 peixes cada.

Preços das conservas

No mercado norte-americano, os preços das conservas para o público são os seguintes: anchovas, enroladas ou estendidas, duas latas de duas onças, 23 centimos (ignora-se se o produto é português); atum (bocadinhos), marca A & P, sete onças, 29 centimos; atum em lata, marca Sultana, duas latas de seis onças, 49 centimos; atum «Chicken of the sea», em posta, 6 1/2 onças, 34 e 39 centimos; bolos (croquetes) de peixe preparados para comer, pacote de 8 onças, 39 centimos. Estes croquetes, à base de atum, são apresentados em lindas embalagens de papel litografado.

Devemos esclarecer que o atum é branco, não manifestando o mercado norte-americano o menor interesse pelo atum rosado, que é o que pescamos nas nossas armações.

O atum em salmoura leve vende-se ao consumidor pelos seguintes preços: em posta, 33 centimos, e em bocadinhos, 27 centimos, latas de sete onças.

O preço da sardinha Ainda a propósito do baixo preço da sardinha na lota de Setúbal, e em apoio do que disse «República», conforme referimos no último número, insere o mesmo diário uma carta de pescadores daquela cidade, da qual pedimos licença para transcrever os seguintes períodos:

«Quantas vezes nós não dizemos que isto não há-de estar sempre assim, porque quando houver peixe temos a lei da compensação, mas, finalmente, a hora chegou, essa lei não aparece, porque o industrial de conservas está comprando sardinhas por uma bagatela.

«Nós, este ano, já vendemos sardinhas (no nosso barco) no princípio da época, com o peixe ruim para a conserva, a 150\$00 e a 180\$00 a canastra, e hoje, que o peixe está melhor, temos vendido a 10\$00, 15\$00 e 20\$00, conforme V. cita no seu jornal.

«Como as Finanças cobram determinado imposto, por cada venda de peixe efectuada, nós já temos pensado, tanta vez, como será possível que tudo isto se passe, estando o Estado a ser lesado, e em números de grande monta.

«Criou-se a Intendência Geral dos Abastecimentos, que muito tem defendido aquele que moureja para ganhar o pão de cada dia, não consentindo que se aumente o preço dos géneros alimentícios e outros mais. Se o padeiro e o merceiro, o homem do talho e tantos outros, são considerados especuladores, por darem peso a menos ou venderem mais caro os seus artigos, que nome se dará à indústria das conservas, que compra a sardinha por 10, 15, 20, 50, 100 e 120 escudos por canastra?»

Reconhecendo e defendendo os legítimos direitos dos pescadores, a classe que depois dos rurais come o mais amargo pão que o dia-

bo amassa, não concorda com a maneira como o problema é posto, invocando-se a Intendência. Creemos que tanto armadores como pescadores têm os seus organismos de classe, aos quais pagam quotas ou quaisquer contribuições, e que têm o dever de velar pelos seus interesses. Dado que assim seja e verificando-se que efectivamente em algumas lotas se exerce uma acção especulativa ou como tal considerada, compete a esses organismos defender aqueles que neles confiaram, procurando junto da indústria um entendimento que satisfaça ambas as partes, sem que de futuro se possa classificar de parasitária do trabalho alheio a indústria de conservas. Assim é que nos parece bem.

Isso de apelar para a Intendência é coisa que não quadra bem!

Aviso a industriais e exportadores

Já chamámos a atenção oportuna, de industriais, comerciantes e exportadores, para o facto de poderem dar maior expansão às suas actividades, voltando os olhos para os nossos arquipélagos da Madeira e Açores, que podem vir a ser clientes ainda mais interessados dos nossos produtos regionais e da mão de obra algarvia. E que assim é, prova-o o facto dos navios da carreira que escalam há dias o nosso porto terem levado para as ilhas—além dos habituais carregamentos de sal—figos, amêndoas, alfarroba, palma em obra, laranjas, tangerinas e galinhas e perus.

Devemos esclarecer—e este esclarecimento dirige-se directamente às activas gentes de Faro, Loulé e Olhão—que as nossas ilhas importam também, em grande quantidade, vinhos em garrações e barris, vassouras, tacos de madeira, telhas (tipo Marselha) e tijolos de barro, azeitonas, palha, tremoços, cevada, areia, cal, gesso, folha de flandres ilustrada, trabalhos de litografia em papel, mosaicos de cimento, licores, sardinhas em conserva, marmelos, massa de marmelos e latas para conservas.

Aproveitando a escala aqui dos navios e procurando-se mesmo estabelecer com certa antecipação e regularidade, essas escalas, cremos que as actividades algarvias muito poderão lucrar em entreter comércio com as nossas ilhas, que até agora e regularmente só se abastecem dos portos de Lisboa e Leixões.

A indústria de gomas de alfarroba

Do «Jornal do Comércio» transcrevemos a seguinte local: «Ainda há pouco assinalámos aqui as valiosas perspectivas económicas do aproveitamento da alfarroba, que no Algarve, sobretudo, se produz em óptimas condições mesológicas. Segundo um relatório recente da indústria, a exportação de gomas de alfarroba, em 1953, foi de cerca de 250 toneladas, contra 192 toneladas no ano anterior. A América do Norte foi o principal comprador, com cerca de 200 toneladas.

Apesar das exportações para este País terem aumentado ligeiramente, quase todas as fábricas portuguesas se mantiveram inactivas, tendo duas apenas fabricado o produto, mas suportando a enorme concorrência das congéneres estrangeiras. Dado que o preço da matéria-prim-

MUNICIPALISMO

POSSE DA NOVA VEREAÇÃO

NA sala das Sessões da Câmara Municipal desta vila, realizou-se hoje, pelas 11 horas, o acto da posse dos novos vereadores, recentemente eleitos para o exercício durante o quadriénio de 1955 a 1958, e que são, como já noticiámos anteriormente, os srs. Luís Acácio Cardoso de Figueiredo, proprietário, eng. João Manuel Gomes Barroso, engenheiro civil, Aurélio Ambrósio Machado, professor do ensino secundário, e Manuel Guerreiro, feitor agrícola. Como substitutos, foram eleitos os srs. José Rodrigues Marques, despachante alfandegário, José Graciliano Vieira Carmo, proprietário, José Mateus Maria e Silva, comerciante, e Faustino de Sousa Oliva, proprietário.

A posse será dada pelo ilustre presidente do nosso Município, sr. dr. Alonso Vasques.

CASA

Aluga-se, na Rua Jacinto José de Andrade. Tratar no n.º 83 da Rua Miguel Bombarda.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

ma, à cotação normal, pesa cerca de 70% no custo da produção, compreende-se que o mais pequeno agravamento no seu preço tenha forte influência sobre o custo do produto final.

As compras de matéria-prima que a indústria estrangeira efectua no nosso País, sendo pequenas parcelas das suas aquisições totais, são pagas a preços altos que a indústria nacional não pode atingir, não tendo, por outro lado, a defesa, por isso lhe ser vedado, de importar matéria-prima a preços vantajosos, do Norte de África, Grécia, etc., onde as concorrentes estrangeiras livremente se abastecem.

Para que a indústria nacional de gomas de alfarroba possa desenvolver-se, necessita de colocar-se na mesma situação das congéneres estrangeiras, que adquirem a matéria-prima por livre importação, isenta de direitos, no mercado internacional e ainda beneficiam de prémios de exportação.

Rendimentos das Juntas Autónomas dos Portos

As delegações aduaneiras do Sotavento e Barlavento do Algarve cobraram, o ano passado, para as Juntas Autónomas dos Portos da província, as seguintes importâncias: 2.466.118\$90, para a Junta do Sotavento e 1.896.826\$40, para a do Barlavento, mais 280.584\$60 e 258.817\$30, respectivamente, do que no ano de 1953. Repare-se na diferença enorme de rendimentos que há entre as duas Juntas.

J. B.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António
De 26 de Novembro a 2 de Dezembro

TRAINEIRAS

Raulito	54.485\$00
Maria Rosa	53.795\$00
Tufão	44.210\$00
Infante	37.350\$00
Brisa	32.250\$00
Sam Domingos	29.490\$00
Briosa	21.780\$00
Liberta	21.130\$00
Pérola do Guadiana	20.290\$00
Flor do Sul	14.785\$00
Persistente	14.350\$00
Janita	9.010\$00
Flor do Norte	1.060\$00
Total	353.985\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 26 de Novembro a 2 de Dezembro:

Entradas:

ALABE, Panamiano, de 1.577 ton., de Setúbal, vazio.
TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
SÃO MACÁRIO, Português de 1.039 ton., de Lisboa, vazio.
COLARES, Português, de 1.158 ton., de Aiamente, com minério em trânsito.
PILARELLA, Italiano, de 1.345 ton., de Tânger, com carga em trânsito.
MADALENA, Português, de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
BRILLANT, Alemão, de 786 ton., de Setúbal, vazio.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

Saídas:

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
ALABE, Panamiano, para Dublin, com minério.
MONTECOR, Português, para Casablanca, vazio.
COLARES, Português, para Anvers, com minério.
TERCEIRENSE, Português, para Angra do Heroísmo, com sal.
SÃO MACÁRIO, Português, para Bordéus, com minério.
MADALENA, Português, para Ponta Delgada, com sal.
PILARELLA, Italiano, para Génova, com conservas.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 4 a 10 de Dezembro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 24
MATOSINHOS

Fogão a lenha

Vende-se, com 60 cm., em bom estado.
Tratar na Rua Teófilo Braga, 35 — Vila Real de Santo António.

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C. A. L.^{da}
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

«EEMDYK»

carrega em LISBOA em 27 de DEZEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partida de Rotterdam:

«DALERDYK» — 10 de Dezembro

«Queremos um cinema que na sala escura ilumine o que há de mais puro e nobre na condição humana, para que nos ensine a ser melhores.»
Pablo Neruda

SECCÃO DE CINEMA

Orientação de VITORIANO ROSA

A VAMP NO CINEMA

I — O artista e o sexo

Freud afirmava que a natureza sexual do homem dominava toda a sua existência. Mas, depois dele, este princípio tornou-se discutível; hoje, há quem afirme que o homem pode viver sem relações sexuais, e quem verifique que essa abstenção conduz o homem à alienação das suas melhores faculdades mentais, morais e criadoras.

Que o homem é um ser profundamente sexual, prova-o a história com as suas orgias e bacanaís, desde Nero até aos heróis dos palacetes modernos. Na arte, o homem não esconde essas suas tendências, e, porque a sensibilidade do artista é mais requintada e vulnerável que a do homem-comum, um filme, uma peça de teatro, uma sinfonia, um ballet, revelam sempre as tendências sexuais dos seus criadores, que se exprimem ora num romantismo puro, ora num brutal sadismo.

Quer o artista que obedeça apenas à espontaneidade do seu talento criador, quer aquele que trabalha por encomenda, reflectem nas suas obras as suas inquietações sexuais. Daí a exploração e por vezes a divinização do mais puro erotismo, pois a sexualidade comum dos homens encontra nos atelieiros ou nos estúdios expressões novas, não importa se espontâneas ou rebuscadas, se sinceras ou artificiais. Serão espontâneas e sinceras, na medida em que o artista for fiel a si próprio; rebuscadas e artificiais, na medida em que se destinam a agradar aos gostos alheios do ilustre Senhor de X ou do «respeitável público.» Há também os artistas para quem o erotismo constitui a única fonte de inspiração. Eles deturpam e deformam a sua vontade natural — dominam-nos as aberrações. O sexo subjuga-os por completo. E quando assim sucede, isso atinge as suas relações com a mulher. Então, já não é qualquer mulher que os interessa. Eles procuram a fêmea, mas uma fêmea que conheça do amor tanto ou mais do que eles. Experiências do amor, já estão fartos de ingenuidades e de donzelas. Preferem as recusas subtis, os olhares perversos, que ele domará, transformando o seu ódio no mais submisso amor.

II — Na América de fugitivos e aventureiras

No princípio do século, a América começava a industrializar o seu cinema, no meio de fugitivos e emigrados, de artistas oriundos de todas as partes do mundo, em busca de aventuras, de actrizes para quem a Europa esgotara todas as emoções e que procuravam recomençar num país novo.

Já então, ao cinema americano, pelo seu condicionalismo económico e social, não interessavam filmes de aventureiras; tão pouco o poderiam apresentar nos seus verdadeiros aspectos, demasiado dramáticos,

com, nem romancá-los como «ninhos de amor»...

A América era o país da aventura... Havia artistas, que se interessavam pelo cinema como arte nova, mas também (em número maior) comerciantes que se interessavam pelos seus possíveis lucros, como espectáculo. Já então uns e outros eram irreconciliáveis. Por isso, aos comerciantes sem escrúpulos, os únicos artistas capazes de servir os seus projectos e as suas ideias seriam aqueles que abdicassem ante as suas determinações. Na América, o homem dominante era o herói. O cinema passou a divinizar-lo. Num país agitado, com aventureiras de todo o mundo, o amor nada tinha do romantismo europeu, tinha subtilidades e atractivos que se conquistavam pela generosidade de um casaco de peles. Este conceito da mulher correspondia às inquietações daqueles artistas para quem o erotismo era a única fonte de inspiração. Havia necessidade de criar, ao lado do herói americano, um novo tipo de mulher, sedutora e irresistível, brutal e perversa, mas sacrificada ao amor, morrendo ou regenerando-se por ele. Um tipo heróico de mulher, porque o cinema — e a América de fugitivos e aventureiras — precisava de heróis... e heroínas...

Vittorio de Sica

Este nome, Vittorio de Sica, foi durante muitos anos um nome quase ignorado no cinema. Trabalhava em filmes, desde 1930, como intérprete, argumentista, produtor e realizador, sem passar, contudo, da mediocridade. Mediocres eram, aliás, na sua esmagadora maioria, as obras em que o chamavam a trabalhar. A Itália, sufocada pelo fascismo, não respirava; os seus artistas tinham-se acomodado ao novo regime — acomodado e acobardado... Eles não viviam para o cinema, viviam do cinema. O sangue ardente das inquietações criadoras não se agitava nas suas veias.

1939/1945. A guerra modificou a terra italiana nas suas entranhas, incendiou-a de lés-a-lés, mas recuperada a paz, ao fim de longos anos, uma paz nova, diferente da de Mussolini, o trigo brotou nos campos e as ervas despontaram pelos caminhos e as flores coloriram os jardins. A paz opera milagres. Assim surgiu o «milagre» do cinema italiano, esculpido por jovens cineastas sem ligações com o fascismo, com o barro bruto dos problemas que afligiam a vida italiana.

1947. «Ladrões de Bicicletas» arrebatou prémios sobre prémios. Vittorio de Sica deixa de ser um nome sem importância — todo o mundo fala do seu génio de realizador, todos os jornais fomentam uma celebridade excepcional. Num momento em que o desemprego em massa era o problema fundamental com que se debatia o povo italiano, Vittorio de Sica fora buscar esse tema para «Ladrões de Bicicletas» a um romance mediocre de um autor quase desconhecido. Apesar de apresentar o seu herói como um ser isolado, ignorado pela multidão que o cerca, perseguido por uma fatalidade talvez forçada, De Sica grangeou as simpatias de críticos e intelectuais, embora muitos sindicatos protestassem contra a exibição do filme, devido ao seu carácter derrotista. A cena final, em que Lamberto Maggionari aperta desesperadamente a mão do filho, não é horizonte para os que sofrem o desemprego.

(Continua)

CASA

Vende-se, localizada na Rua Cândido dos Reis, n.º 163, desta vila.

Tratar na Avenida da República, n.º 118.

DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Distrital da I Divisão

LUSITANO, 3 — S. LISBOA E FARO, 1

Campo «Francisco G. Socorro»
Arbitro: Armando de Sousa, de Faro.

Lusitano: Balbino; Rui, Sanina e Pescada; Lopes e Agostinho; Almeida, Travassos, Antunes, Estêvão e Mateus.

S. L. e Faro: Carlos; Cruz, Artur e Matos; Moreno e Ferreira; Ramires, Herculano, Virgolino, Sidónio e Viegas.

Primeiro tempo: 0-1.
Marcadores: Virgolino, Travassos, Antunes e Almeida.

Contra toda a expectativa, o Lusitano experimentou sérias dificuldades ao tentar tornejar o obstáculo que representava esta visita dos farenses.

O excesso de confiança com que a equipa deve ter encarado o encontro foi, sem dúvida, o factor que mais influiu na sua inferiorização, quando verificou que os visitantes estavam dispostos a replicar, sem se sentirem influenciados pelo ambiente estranho.

Ao intervalo, o resultado premiava o acertado labor dos farenses que, com o seu entusiasmo, surpreenderam os locais, não permitindo que estes se organizassem a tempo, como era de esperar, dada a sua maior capacidade colectiva e individual.

Durante esses primeiros quarenta e cinco minutos, não se chegaram a esboçar quaisquer tentativas do Lusitano para pôr cobro ao marasmo em que a equipa se via envolvida, obedecendo à maior vontade do adversário, que foi durante algum tempo quem nos deixou melhor impressão no que respeita ao valor colectivo.

Não jogando bem, pois sem bons valores não é possível fazê-lo, os visitantes deram-nos, porém, a certeza de que, num futuro próximo, a sua melhoria será uma realidade.

No período referido, em que a equipa tomou o comando do jogo, verificou-se a intenção em quase todos os seus componentes, de fazerem girar a bola em constantes trocas, facilitando assim a sua progressão no terreno. Este método não tomou mais consistência nem foi muito claro, porque faltou à equipa o talento individual que pudesse concretizar os lances nas zonas mais difíceis, e ainda porque depois do golo obtido, houve sempre a preocupação de evitar aventuras em terreno alheio.

No segundo tempo, as coisas não correram da mesma forma, porque o Lusitano entrou com outra disposição, sacudindo a apatia que o tinha dominado. Logo nos primeiros minutos, Travassos, num lance em que todo o mérito lhe pertenceu, conseguiu dominar dois adversários e, já dentro da grande área, disparar um fortíssimo pontapé, que bateu irremediavelmente o guarda-linha contrário.

Este tempo, digno de ser assinalado, foi como que a confirmação necessária para a equipa se abalançar globalmente ao ataque.

Duas ou três incursões dos defesas laterais, tiveram o condão de chamar os atacantes ao seu dever, e, num ápice, estava feito o resultado. O segundo tento apareceu já fruto da melhoria colectiva, pois, se bem que Antunes mereça elogios pela forma magnífica como dominou a bola em corrida e pela rapidez com que disparou, o tento não teria sido possível sem o oportunismo do lançamento do seu médio esquerdo.

Dai até final, a partida continuou sem alterações, com os locais no seu «forçage» a pretender um número de golos convincente e os visitantes remetidos à defesa, já sem possibilidades para recuperar, pois,

a par do terceiro tento sofrido, verificava-se certa quebra física na equipa, à qual não deve ter sido alheio o extraordinário esforço do primeiro tempo.

Vencendo, o Lusitano deve ter feito esquecer alguns dos seus problemas mais ingentes, visto ser o resultado a primeira finalidade de uma partida de campeonato, todavia, a equipa, melhorando muito no segundo tempo, não conseguiu ainda o que dela seria lícito exigir-se.

A falta de ligação é uma das principais pechas da turma.

Raramente se regista um lance em que tenham colaborado simultaneamente os diversos sectores da equipa.

O pontapé longo é um defeito que se arrasta já de há muito, mas cada vez com piores consequências. De trás, tem início essa espécie de futebol contraproducente.

Ainda no passado domingo, foi frequente esta característica: despatches da extrema defesa, para só poderem intervir os extremos ou interiores muito adiantados e lançamentos dos médios para os extremos ou avançado-centro.

Nunca se verificou a urdidura de lances em que o quadrado tivesse demonstrado a sua utilidade. A troca de bola entre um médio e um interior foi mero acidente de jogo.

Provada a inferioridade física dos locais, torna-se clara a improdutibilidade do seu futebol.

Contudo, merece justiça a faina a que se entregam os dois médios Lopes e Agostinho, sobretudo o n.º 4, que, não acusando ainda o declínio imposto pela idade, conseguiu permanecer num vai-ven contínuo, tomando parte em muitíssimos lances da equipa, mas levando longe de mais o seu esforço, o que em muitas ocasiões o obriga a despachar a bola à toa, sem direcção.

Tanto Lopes como Agostinho devem perceber que a sua missão é das mais delicadas num conjunto e que deles depende todo o bom funcionamento desse mesmo conjunto.

Permanecendo em jogo nos mesmos lances, mas doseando energias, os dois esforçados médios lusitanistas terão ocasião de ser muito mais úteis à equipa.

As correrias com a bola, coroadas com balões, só podem beneficiar uma defesa bem organizada em detrimento de qualquer linha atacante.

Atenuantes existem e entre elas deve estar a falta de colaboração prestada pelos interiores, que são quem na maioria dos casos deve facilitar o endosse da bola, procurando posições adequadas para a sua recepção. Contudo, a veterania daqueles elementos deve chegar para chamar ao bom caminho os restantes componentes do quadrado. Basta que, para isso, deixem de utilizar sistematicamente os pontapés para a frente, falhos de direcção e oportunidade.

J. C.

Resultados do passado domingo:
LUSITANO S. Lisboa e Faro 8-1
B. Esperança-C. F. Esperança 1-1
Louletano - Silves F. C. . . . 1-2

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
LUSITANO	4	4	—	—	18	6
Silves	4	3	1	—	8	7
S. L. e Faro	4	2	—	2	7	4
B. Esperança	4	—	2	2	7	2
Exp. Lagos	4	—	2	2	5	2
Louletano	4	—	1	3	8	1

Jogos para hoje:
Silves F. C. - LUSITANO
S. L. e Faro-Boa Esperança
C. F. Esperança-Louletano

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Os três grupos do Algarve saíram vencedores dos jogos que disputaram a semana passada

Em Lisboa, o Sporting Farense realizou exibição agradável e triunfal, merecidamente, por 8-2, frente aos briosos rapazes do Olivais. Em Portimão, embora com um adversário fraco, o onze algarvio não teve dificuldades em bater facilmente, por 4-0, os alentejanos de Évora. No Estádio Padinha, o Olhanense conseguiu, ao cabo de 4 jornadas, uma vitória, aliás merecida, frente ao forte agrupamento de Coruche.

Olhanense, 3 — Coruchense, 1
Jogo no Estádio Padinha, em Olhão, e presenciado por fraca assistência.

Arbitrou a partida o sr. Abel Macedo Pires, da Comissão Central de Lisboa.

Olhanense: Abade; Passos, Ta-

vares e Ezequiel; Toupeiro e Poeria; Simões II, Santiago, Rangel, Del Duca e Simões I.

Coruchense: Vieira; Bailão, Prates e Faustino; Veríssimo e Alfredo; Narciso, Manuel Jorge, Petyroteo, Julinho e Panoias.

O desafio teve alguns períodos de agrado, embora escassos.

Nas duas equipas, em especial a dos ministros tecnicamente por Julinho, as linhas dianteiras poucas vezes ultrapassaram a bitola da inferioridade. Desligadas, confusas, sem confiança, acumularam deslizes em vagas sucessivas, falhando principalmente, como era de esperar, no capítulo do remate.

Vimos a dos olhanenses creditarem-se de exibição muito aceitável, oito dias antes, no Estoril. Surpreendeu-nos, pois, o seu fraco

OS NOSSOS CONTOS

RETALHO DE UMA VIDA

«A história de uma mulher é sempre um romance» — La Chaussee

O DIA amanhecera triste, e Lia retratava no semblante aquela melancolia do tempo. Junto da janela da sala, onde reinava absoluto silêncio, cortado, de tempos a tempos, por um suspiro, vindo talvez dalguma recordação muito íntima, Lia espreitava a rua.

Como o dia havia custado a passar! E' já noite, e ela tem um pensamento louco — e se ele não viesse? — Sim! Deade que ela lhe havia revelado ter recebido aquela carta anónima, ele tornara-se frio, indiferente, chegando ao mesmo atrazado, quando era a pontualidade em pessoa.

A carta anónima parecia ter, afinal, algum significado — o Rui chegava atrazado, por conceder tempo à «outra», e aquela demora não a podia deixar na incerteza. Tinha-se acabado a sua última esperança, havia-a mantido até ao derradeiro momento. Já não podia mais! Sim, tudo o que havia fantasiado, naquele mesmo lugar, se havia desfeito por sempre, porque o Rui já não a amava. E, se assim era, de que lhe serviria ela amá-lo, se ele já esquecera todo o afecto que ela lhe consagrava, se a «outra» já o havia conquistado? E os pensamentos de Lia entrecrocavam-se. A quem prejudicaria a sua felicidade? Como a vida era amarga! Num momento de desespero, defetou o dia em que o conheceu, odiou a rival, amaldiçoou aquelas mãos cobardes que lhe ha-

viam revelado a terrível verdade! Porque? Não sabe. Só sabe que sofre dum mal sem remédio, pois a vida para ela passará a ser constante sofrimento, e sente-se demasiado débil para enfrentar tamanha infelicidade.

Instintivamente, levanta-se, olha o relógio, agarra num casaco e sai. Atravessa ruas ao acaso, seguindo sempre, indiferente à chuva que começa a cair em abundância.

Dirige-se para longe da cidade, como tresloucada. Nem repara que a noite desceu, e que está molhada até aos ossos. Dá por finda a sua viagem nesta vida, para começar a verdadeira — a da eternidade. Aproxima-se de uma ponte de madeira. Lia nada vê. E o tempo passa, indiferente à sua dor. Para quê esperar? Esta impaciência transformou-se num desespero louco. De súbito, Lia ouve um assobio agudo, que lhe fere os tímpanos. E, numa velocidade acelerada, o expresso ganha terreno. Sucumbida, como folha morta à mercê do vento do Destino, Lia, pálida, de olhos fitos no monstro de aço que avança, nem reflecte. Resoluta, galga o parapeito da ponte, e, sem hesitação, lança-se no espaço.

Um choque. O expresso passa como um relâmpago, com forte ruído metálico, que se esvai lentamente, até extinguir-se, deixando atrás de si uma espessa nuvem de fumo... Instantes depois, o corpo de Lia é massa disforme aspalhada pelos «rails»...

.....

A essa mesma hora, já longe, no expresso, colam-se duas bocas que vivem uma nova aventura — a de Rui e a da «outra».

Aurelina Carlota Nobre

«Estrelas de Portugal»

EM BREVE

NO ALGARVE!

Inicia-se brevemente pela nossa província uma longa «tournee» artística do famoso conjunto «Estrelas de Portugal».

Fazem parte deste aplaudido «show» os consagrados artistas Tony de Matos, Engénia Lima, o fantasiasta brasileiro Toddy, que tanto sucesso alcançou entre nós durante a época balnear, Maria José Valério, Maria Sidónio e Maria Guiomar (a mais recente revelação de acordeão).

Estes artistas serão apresentados pelos populares locutores Tany Belo e Armando Marques Ferreira.

PREDIO

VENDE-SE

Na Rua Cândido dos Reis, 31, nesta vila.

Propostas ao dr. Luis Bernardino da Silva — Olhão.

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

CINE-FOZ

Exibe, hoje, o filme italiano *Não matei*, com Amedeo Nazzari e Silvana Mangano, em cenas trágicas e brutais como a própria vida. Um filme, que nos apresenta um erro judiciário que comoveu a opinião pública de todo o mundo. Pode o homem fazer justiça por suas mãos? (Espectáculo para maiores de 18 anos).

Quarta-feira, 8, uma das obras básicas do cinema americano, em technicolor, *As aventuras de Tom Sawyer*, com Tommy Kelly. As aventuras de Tom são as de todos os rapazes, daí a sua universalidade e o gosto com que o público entusiasmado, sorridente e comovido, vê desdobrar-se, na tela, a sua própria imagem. (Espectáculo para indivíduos com mais de 13 anos).

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS

A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANIO ANTÓNIO

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21

MATOSINHOS

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

DESILUSÃO

Apareço-te em noites de vigília
Para te acompanhar eternamente!
E sentires a dor intimamente
Como se eu fosse amargurada tília...

Hei-de seguir-te sempre, toda a vida,
E quer queiras ou não, ando a teu lado,
Cumprindo assim angustioso fado,
Geme a tua alma, quase endoidecida!

Dessas lágrimas falsas — tu choraste,
Das palavras banais que murmuraste...
De tudo isso, afinal, o que ficou?

Ter a dúvida só que neste mundo
São verdadeiras — é triste e profundo —
As lágrimas que um dia alguém chorou!...

NATÉRCIA ALGARVE

O TEIXEIRINHA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

méritos. Claro, quando li a notícia na gazeta, eu farejava forte escandaleira e preparava-me para ver como o penetra do velho embeijava as cachopas; fiquei desiludido, e perguntei ao menino Teixeira porque é que os rabiscadores dos grandes jornais não prantavam tudo no papel, tratandose, de mais a mais, de um cavalheiro tão ilustre como o senhor seu pai. O meu jovem patrão e amigo sorriu-se da minha ignorância e respondeu-me que essas aventuras à Casanova ficavam inéditas e não era conveniente dar-lhes publicidade. Melhor assim, Nelzinho, melhor assim, porque, se visse no jornal a longa lista dos nomes das raparigas, certamente lá encontraria duas ou três velhas conhecidas que tinham, nos seus belos tempos de frescura e juventude, recebido a atenção do senhor D. Jaime. Mas o que lá vai, lá vai, e aqui está e menino para honrar toda a árvore genealógica que é um formidável monumento. Eu sou amigo do seu amigo, mas há coisas que não me quadram bem, revolvem-me o lastro do estômago, dão-me voltas ao bestunho.

A vida do senhor Teixeira não me agrada completamente. Imagino endrôminas na sua vida. A mania de passar horas e horas na frente do espelho, essa horrível coisa de envernizar as unhas, de ondear o cabelo, oh! o trabalho das ondas do seu bonito cabelo! É certo que a sua cabeça é das mais belas e orgulhosas que passeiam nas ruas da cidade. Mais de uma vez, ao passar pelos bairros elegantes da cidade, eu tenho ouvido os mais entusiásticos elogios soltados por lindas bocas de raparigas: «Que bela cabeça! E a música das palavras das belas raparigas é como se alvejassem este pobre velho, que sonha mais com uma sepultura do que com uma quente e misteriosa alcova de mulher. Mas, aqui para nós, não gosto nada dos artificios do meu Teixeira. Acho que um homem que se preza deve dedicar-se a outras tarefas, que isto de atagar os próprios cabelos é coisa digna de maricas, os tais meninos-amélias, como por lá lhes chamam os labregos da minha terra. Não que eu desejasse ver o meu menino aí feito boneco numa sela de vistoso cavalo, ou a envenenar a saúde em tavolagem de má nota. Esse tempo dos séculos e peraltas passou já à história, e agora um homem tem de governar ajuizadamente o seu barco, já que os ventos sopram rijo, e quando um homem mal se descuida, salta mesmo fora da carroça. Ora, aquilo lá por casa vai de mal a pior. E se as coisas continuam no mesmo rumo, até o grosseirão do merceiro é bem capaz de suspender os fornecimentos, porque, hoje em dia, isto de fidalguia, digam o que disserem, é questão de dinheiro, e o resto são tretas. Que o diga o Fonseca da minha aldeia, um pato que não tinha onde cair morto e hoje manda mundos e fundos, e se encontra o Teixeira, cumprimenta-o de homem para homem, quando a gente sabe que foi ele que empalmou, a fidalgo, o casal lá da região.

Porque isto de homens, todos são do mesmo barro, todos vêm ao mundo carrapatos, nuzinhos como Deus quere e manda! Depois, é que cada um muda de estrada e segue o caminho que o destino lhe marca, embora eu não vá muito nessa cantiga do destino. Eu, por exemplo, João da Costa, estava fadado para esboar torções, toda a minha vida, mas um dia abeirolei-me do velhote, fiz finca-pé, e disse-lhe, sem mais

nem menos, que desejava ir para a capital, e era minha intenção fugir da província como o diabo da cruz. Foi uma asneira, porque homens como eu, passam toda a vida a ambicionar mudanças e, afinal, um pobre de Cristo tem sempre que amassar o seu pãozinho com o suor do rosto. Nunca me lamentei. As lágrimas são para as mulheres, e eu nunca tive bastante tempo para pensar devidamente nos meus problemas. Mas sempre lhes digo que asneira maior é deixar os nossos negócios pelos mãos dos outros e esperar que gente, que nada tem a ver com a nossa vida, trate de resolver as questões da malta! Sou demasiado velho para acreditar em tais generosidades, e a vida tornou-me céptico quanto às intenções de certos cavalheiros. Mas deixemo-nos de filosofias e voltemos ao menino Teixeira.

Pois não querem saber que este menino, que eu embalei nos braços, me roeu também a corda, como fizeram outros biltres que encontram na vida?

Foi um dia destes, ao morrer da tarde da última quinta-feira. O menino tinha chegado a casa, muito penteadinho, o cabelo beuntado de óleo, as unhas muito polidas e a sua bela e orgulhosa cabeça com as suas ondinhas, a gravata vistosa, o seu ar de príncipe a derramar pelo quarto o intenso perfume, que, de princípio, me causava enjões. Eu passara todo o dia a matutar na safada vida, a recordar a companheira que me deixara há cerca de duas dezenas de anos. Fiz uma recapitulação de toda a minha existência e, à luz do crepúsculo vermelho, que incendiava e lavrava pelo céu, vieram-me pensamentos tristes, uma tal melancolia, que me dava a sensação duma grande infelicidade como nunca sentira. Queria reagir e não encontrava energias. Eu bem sabia que isso de melancolia é para gente diferente, um manjar caro, para pessoas que sabem dessas coisas complicadas dos sentimentos humanos. Depois, veio o menino, no seu fato aperaltado, derramando o perfume pelo quarto. E como habitualmente, falou-me do seu avôzinho ministro, do papá que ganhara prémios nas corridas de cavalos, das titis que possuía, em Queluz, um grande palácio, que acolhia as altas damas do tempo. Eu vivera ainda no fim dessa idade, aos meus ouvidos ainda chegaram os rumores dessas apoteoses, mas tudo me era indiferente, tudo pertencia já a um mundo morto e que nunca me dissera respeito. Era uma música que não me fadava. E o menino na minha frente, os olhos abertos, todo ele vivendo essa grande exaltação das coisas do passado. Subitamente, como uma coisa que só deve acontecer com os doídos dos poetas, vieram-me saudades da leiva negra, uma fome do cheiro forte e saudável da terra, de agarrar um punhado de lama e esfregar-me todo como me quisesse purificar dos pecados que me emporcalhavam a carne e a alma. Ideias malucas de velho tonto! E o menino a desfiar grandezas, a falar de coisas nunca vistas, de aventuras maravilhosas de heróis mortos. Então, numa atitude de desrespeito e rebeldia, numa revolta momentânea que negava todos os longos anos de submissão, gritei alto, para que o menino Teixeira ouvisse as minhas torpes palavras: «Tretas, menino! Tretas! Eu nada ligo a isso. Quanto a mim, os vivos é que podem e mandam! Ainda vi agitar-se a bela e orgulhosa madeira dos seus cabelos louros, e depois ouvi, muito nitidamente, as palavras do menino, violentas

As Comemorações do V Centenário

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Oriente e depois a América, mas também a natural transformação do Algarve em base avançada das operações do Infante.

Camões, apesar de limitado em referências a D. Henrique — embora não tanto como num dos seus notáveis discursos precipitadamente o acusou o grande orador António Cândido — parece de algum modo pretender avivar ao nosso culto o valor do pensamento henriquino, quando, na estância 37.ª do canto VIII dos *Lusíadas*, assim refere, na fala de Paulo da Gama ao catual Melinde, ao chegarmos, finalmente, à Índia:

«Olha cá dous infantes, Pedro e Henrique,
Progénie generosa de Joane;
Aquele faz que fama ilustre flaque
Dele em Germânia, com que a morte engane;
Este, que ela nos mares o publicou
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a maura tímida vaidade
Primeiro entrando as portas da cidade!»

Já na estância 4.ª do canto V do mesmo poema, o imortal cantor das nossas glórias náuticas teria feito também, no descritivo da viagem do Gama, emotiva alusão às «novas ilhas» e «novos ares» / «Que o generoso Henrique descobriu», como de novo, na narrativa eloquente das estâncias 70.ª e 75.ª do referido canto VIII, virá a exaltar a acção pertinaz e o saber profundo do Príncipe Navegador, salientando nestes termos a grandeza do seu feito:

«Este por sua indústria e engenhoso
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte que faz clara
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.»

E igual projecção de interesse se traduz na Arte, através dos painéis de Nuno Gonçalves, que foram, ao que parece, pintados em honra do Infante D. Henrique e que constituem não só a sua «melhor apoteose», na votiva expressão do grande poeta Lopes Vieira (*Em Demanda do Graal*, pág. 90), mas simultaneamente a apoteose dos homens de Sagres — «os Primitivos do mar», aqueles de quem Luís de Camões de facto se esqueceu no seu poema, sem embargo de haverem sido «os que prepararam toda a viagem do Gama».

Tão falha de consistência, senão mesmo de verdadeira sensibilidade patriótica, se me afigura, assim, a afirmação, que já vai expressa, de que o infante D. Henrique, ao ser o primeiro a desembarcar em Ceuta, não obedecia ainda ao impulso de outra ideia, que não fosse simplesmente a de ser ali armado cavaleiro, com os irmãos, como totalmente vazia de lógica se me antolha a suposição de que o futuro *Solitário de Sagres* não levasse já, ao menos na alma, um plano de expansão civilizadora concebido para além dos próprios conhecimentos geográficos da época.

Pois não nos deixará ele entrever claramente esse plano, na fala dirigida a seu pai, antes dos preparativos da expedição, quando diz (cap. XIV da «Crónica da Tomada de Ceuta», de Zuzara) «não ser (a conquista) tão ligeira de acabar, como depois do seu acabamento, não se lhe seguiria menos cuidado de a conservar e manter?»

Com fundamentada razão terá assim também escrito Rebelo da Silva, em 1866, no «Arquivo Pittoresco» (Vol. IX, n.º 6, pág. 42), que «para sobressair no meio de seus

e rudes, abafando a minha voz sacrilega: Saia, saia, não admito rebeldias na casa de meus avós! Apontava-me a porta com o seu dedo erecto e rígido, como se estivesse a comandar um grande e invisível exército. Pobre pequeno! Trabalhei lá perto de sessenta anos, sempre curvado, submisso, lesto em cumprir ordens, pronto sempre a acatar os caprichos de toda uma família: servil e calado, como todos os servos que têm a devida consciência do papel que lhes cabe na sociedade. E sem revoltas inúteis, nem remorsos a atormentar-me, vim por aí abaixo, até dar com a porta desta taberna. Nunca uma cõdea de pão e um copo de graminez me souberam deste modo! Tenho setenta anos e pique; sem dúvida, uma bonita conta, e depois, depois, o bom Deus resolverá qual o fim a dar ao destino deste velho e seu servo.

Rodrigues Pena

DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE

irmãos, todos dignos do nome glorioso de D. João I, D. Henrique necessariamente havia de recomendar-se por qualidades singulares», — qualidades que igualmente se adivinhavam através das palavras de sua mãe, quando em Odivelas, já no leito da morte, vítima da peste, que então grassava em Lisboa, lhe entrega a espada com que será armado cavaleiro em Ceuta.

«Bem vistes — lhe diz a Rainha — a repartição, que fiz das outras espadas que dei a vossos irmãos, e esta terceira guardei para vós, a qual eu tenho que assim como vós sois forte, assim é ela. E porque a um de vossos irmãos encomendei os povos, e a outro as donas e donzelas, a vós quero encomendar todos os senhores, cavaleiros fidalgos e escudeiros destes reinos, os quais vos encomendo que hajais em vosso especial encargo» (cap. XII da *Crónica* cit).

Sagrada pelas bênçãos da Igreja, finalmente se nos definirá, de forma inequívoca, a ideia expansionista do plano henriquino, na memorável bula de Nicolau V, de 8 de Janeiro de 1455 — histórico documento em que o referido Pontífice, ao conceder a Portugal o exclusivo das navegações e do comércio com as terras adquiridas e a adquirir, bem nos atesta o seu conhecimento dos «grandes trabalhos, perigos e despesas com que D. Henrique havia já 25 anos «mandava anualmente correr o oceano por suas caravelas bem tripuladas, navegando para as partes meridionais, e para o polo antártico, de modo que descobrissem muitas ilhas, portos e mares, e ocuparam certos lugares de Guiné, cujos povos os portugueses guerreavam durante anos».

E será do Arcebispo de Sagres (Germano Correia, «História da Colonização Portuguesa na Índia», pág. 47) que terá eclodido o ideal criador de todo esse movimento — base de todo o sistema colonial moderno, na tática conclusão do eminente publicista sr. dr. Alberto Xavier, em recente trabalho sobre alguns portugueses da época dos Descobrimentos — como terá sido o «berço da nossa epopeia histórica», na douta classificação do mesmo escritor, a antiga *Vila do Infante*, ali instituída por D. Henrique.

Não me parece dispiciendo igualmente recordar, neste momento, algumas notas sobre a ideia de perpetuar, em local de tão altas tradições, a memória do infante, através de monumento condigno.

Utilizando dados inéditos de um emocionante descritivo, em que o erudito arqueólogo e médico algarvio, João Baptista da Silva Lopes manifesta o seu desânimo pelo abandono a que se votara Sagres, escreve, em 1826, Almeida Garrett, no canto III do seu poema *D. Branca*:

«Esbroados patidietros — oh ver!
São as torres de Henrique. Afas-
Viandante, não vejas esse opró-
Da nação que a primeira foi no

Como gota de água a mitigar a sede que assim lhe escandecia o coração de patriota, Garrett acrescentará, porém, em 1848, numa nota da segunda edição do seu poema, que sendo o Visconde de Sá-da-Bandeira Governador do Algarve, no tempo da guerra civil, em 1835, «ocorreu-lhe à vista da península de Sagres o desejo de reparar essa afronta à memória do Infante D. Henrique, levantando ali uma coluna rostral que recordasse aos que passam por aquele promontório o nome do ilustre príncipe e as glórias navais dos portugueses. Mas estando depois no Ministério da Marinha, não pôde mais, apesar dos seus vivos desejos, do que fazer lavar uma lápida que ao menos se collocasse ali — lápida que estava concluída em 1839 e que viria a ser colocada, em 1840, à entrada da Fortaleza de Sagres, onde se encontra, e não na «casa incharacterística em que consta ter vivido o Infante, como erradamente informa Maximiano de Lemos, no seu «Dicionário Universal».

Trata-se de uma placa de mármore, com dez palmos e meio de altura por cinco e meio de largura, dividida em dois planos, tendo no superior, em meio relevo, o escudo das armas do Infante com a divisa «Talent de bien faire», ladeado, à direita, de uma esfera armilar, e à esquerda, de um navio à vela e apresentando no inferior, em duas alfomadas, uma inscrição laudatória em latim e português, composta para o efeito pelo Cardeal-patriarca S. Luís.

Vencida esta primeira etapa

A IRRIGAÇÃO DOS SAPAIS do Guadiana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

da indústria do sal, muitos homens são forçados, em certas épocas, a recorrer à caridade pública. Este ambiente de pobreza modificar-se-á se a projectada obra de irrigação dos extensos sapais for levada a cabo, como se espera, pois, deste modo, terrenos ricos mas, por ora, inaproveitáveis, entrarão em regime de cultura intensiva, proporcionando trabalho a muitas centenas de homens e de mulheres.

Espera-se que o sr. ministro das Obras Públicas, na sua próxima visita a esta província, tome conhecimento do valor que representa, agrícola e socialmente, o aproveitamento dos sapais do Guadiana.

Tal como «O Século», esperamos também que o sr. eng. Arantes e Oliveira, ao dar-nos a honra da sua visita, dentro de dias, considere com o seu alto critério de técnico e o seu sentido de justiça, quanta razão nos assiste.

A Cantina Escolar

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ceber a luz do espirito, porque lhe fraquejam as forças corporais. Se as há, e há tantas, corra a emendar o seu erro, ia escrever: o seu crime, e não consinta que a inocência seja agrihoadada pela fome.

Libram os passarinhos pelos ares e não lhes falta o alimento; germinam os vermes na escuridão da terra e vivem; na amplidão dos mares, tantos seres a gozarem a plenitude da vida, e só o homem remete para as duras necessidades materiais aquelas que os hão-de substituir e perpetuar!

Não conheço crime maior, que mais atente contra a nossa consciência.

Enquanto houver uma criança com fome, não pode a sociedade afirmar-se civilizada. Será sempre o bezerro de ouro com pés de barro. Ouvirá, na euforia do seu gozo, os suspiros magoados dos que sofrem, sentirá o escárnio dos que lhe apontam o caminho, que teima em não querer seguir.

Persistam as minhas colegas na sua nobre tarefa. Haverá quem lhes saia ao caminho em arremedos de troça. Nós já estamos acostumados, e nem por isso fraquejamos.

Se conseguirem, e hão-de conseguir abrir um sorriso de satisfação no rosto macilento de uma criança, plenamente estardada compensada.

Entreterão o céu, na mensagem de um dos seus enviados.

Trindade e Lima

Visado pela Comissão de Censura

UMA CAMPANHA EM MARCHA

AUMENTAM AS POSSIBILIDADES DE SE AJUDAR A CONSTRUÇÃO

DO QUARTEL PARA OS NOSSOS BOMBEIROS

CONTINUA a chegar à Comissão central o apoio material de auxílio à edificação de um quartel-sede para os nossos Bombeiros Voluntários. Registamos hoje, com satisfação, a entrega de mais donativos para esse fim.

O nosso conterrâneo, sr. António Deleyto Domingues, actualmente residente em Benguela, não se esquecendo da sua terra, enviou-nos a sua comparticipação de 100 angolares, acompanhada de boas palavras de incitamento, e também o sr. José Ramalho, estimado comerciante desta vila e dedicado admirador da causa dos Bombeiros, teve a gentileza de nos entregar o seu donativo, ao qual juntou as dádivas de sua esposa e filhos.

Igualmente, num gesto de simpática colaboração, um grupo de estudantes e empregados de escritório, reunidos num despique futebolístico, entregaram-nos o produto do pedatório feito aos assistentes à sua competição desportiva.

A todos se agradece, cordialmente, a cooperação prestada a este justíssimo movimento de solidariedade.

Eis a presente posição do Fundo Pró-Quartel dos Bombeiros:

Transporte	11.863\$00
Donativo do sr. António Deleyto Domingues	92\$00
Um anónimo	1\$20
Donativo do sr. José Ramalho	30\$00
Idem da sr.ª D. Amélia Glória Ramalho	30\$00
Idem da menina Maria de F. Glória Ramalho	20\$00
Idem do menino Candido J. Glória Ramalho	20\$00
Produto de um jogo de futebol realizado entre um grupo de estudantes e empregados de escritório	73\$90
Soma	11.630\$10